

A CULTURA DA BENZEÇÃO E O SURGIMENTO DO CABOCLO NA AMAZÔNIA COLONIAL

Resumo

Este artigo aborda a cultura da benzeção na Amazônia no período Colonial, evidenciando a presença do sincretismo religioso, e a metafísica das relações estabelecidas com o sagrado a partir da miscigenação realizada entre povos ibéricos e ameríndios, dando posteriormente origem e formação à cultura do caboclo, à luz de autores, como Benchimol (2009), Del Priore (2009), Freyre (2004), Ribeiro (2002) e outros. Assinala-se, portanto, o surgimento da miscigenação do brasileiro, como elemento híbrido e contornos peculiares culturais que consolidam em convivência com seus antepassados, a benzeção como elemento linguístico e simbólico, ainda presente e relutante nas atuais sociedades pós-modernas. Conforme autores tratados neste estudo, a prática da chamada medicina popular para os teóricos e para o senso comum, chamada de benzeção ou reza, tem sido a forma mais pura e simples de contextualizar elementos da cultura cabocla que ainda permanecem resistentes em sua essência metafísica ligada ao sagrado. O estudo abordado neste texto vem por meio de revisão bibliográfica, elucidar o processo histórico e apontar os paradigmas simbólicos e idiosincrasias da formação da cultura da benzeção e surgimento do caboclo na Amazônica.

Palavras-Chave: Amazônia. Caboclo. Cultura. Benzeção

THE CULTURE OF BENZETION AND THE DEVELOPMENT OF CABOCLO IN THE COLONIAL AMAZON

Abstract

This article deals with the culture of blessing in the Amazon in the Colonial period, evidencing the presence of religious syncretism and the metaphysics of relations established with the sacred from the miscegenation carried out between Iberian and Amerindian peoples, subsequently giving origin and formation to the culture of the caboclo. In the light of authors such as Benchimol (2009), Del Priore (2009), Freyre (2004), Ribeiro (2002) and others, the emergence of Brazilian miscegenation as a hybrid element and peculiar cultural consolidate in coexistence with their ancestors, the blessing as a linguistic and symbolic element, still present and reluctant in the present postmodern societies. According to authors treated in this study, the practice of popular medicine for theorists and for common sense, called blessing or prayer, has been the purest and simplest way of contextualizing elements of caboclo culture that still remain resistant in their connected metaphysical essence to the sacred. The study addressed in this text, comes through a bibliographical review, elucidate the historical process and point out the symbolic paradigms and idiosyncrasies of the formation of the culture of blessing and the emergence of the caboclo in the Amazon.

Keywords: Amazon. Caboclo Culture. Blessing

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a cultura da benzeção na Amazônia no período Colonial, evidenciando a presença do sincretismo religioso, e a metafísica das relações estabelecidas com o sagrado a partir da miscigenação realizada entre povos ibéricos e ameríndios, dando posteriormente origem e formação à cultura do caboclo (BENCHIMOL,2009).

Sendo uma prática muito comum em diversos lugares do mundo, e oriundo de nossos antepassados, a benzeção se firma como elemento linguístico e simbólico, ainda presente nas atuais sociedades pós-modernas. O estudo abordado neste texto vem por meio de revisão bibliográfica, elucidar o processo histórico e apontar os paradigmas simbólicos e idiosincrasias da formação da cultura da benzeção e surgimento do caboclo na Amazônia.

A construção do processo de benzimento ou benzeção surge com a necessidade que o homem tem em se livrar de elementos que afligem seu corpo e sua alma. Inevitável considerar que o processo religioso surge e se funde a presença da condição do desconhecimento e medo que o homem primitivo possuía em relação a natureza. Com o surgimento e desenvolvimento das sociedades humanas, verifica-se que há um refinamento em relação aos processos de cura. Nesse sentido, combina-se a mística da religião com possibilidades de magia e conhecimentos das ervas naturais. Um processo que surge, diante das experiências de erros e acertos, em busca daquelas ervas que podem curar e aliviar o sofrimento físico do homem.

É necessário ressaltar que a mística presente na construção do ato de benzer e seu papel ao longo dos séculos é muito peculiar, envolto em idiosincrasias regionais ou locais. Não podemos, portanto, precisar seu surgimento nas sociedades primitivas, uma vez que acredita- como já ressaltado, diante da necessidade de cura para os males do corpo, o homem primitivo, certamente, se valeu do que a natureza poderia lhe oferecer.

Em relação a trajetória da benzeção no Brasil, parte da presença do catolicismo popular, que estabelece uma simbiose com a cultura ibérica e os ritos dos povos ameríndios. Portanto, um hibridismo com diferentes tradições derivadas

das culturas europeias, indígenas e africanas que conviveram no território brasileiro desde o processo de colonização. Exercido por homens e mulheres a benzeção é encontrada em cada canto do mundo, entretanto, destacamos aqui, o papel das mulheres, geralmente idosas neste processo. Tem como características gerais, de acordo com Sousa (2015), o fato de serem mães, pobres, com muitos filhos, que conhecem rezas, ervas, massagens, chás e simpatias, e tinham um quê de mistério, que lidavam com a magia, feitiçaria e bruxaria.

O legado histórico do surgimento do Caboclo na Amazônia no Período Colonial

A concepção do caboclo amazônida e suas origens está intimamente ligada à presença dos Ameríndios e colonizador europeu. O caboclo, segundo Benchimol (2009) é descendente dessa formação, e cuja terminologia está associada à sua herança, significando, caá-boc, (palavra de origem tupi), aquele que foi tirado do mato. Desse modo, há uma condição simbiótica estabelecida com o meio ambiente, uma adaptação humana é criada para se adequar as peculiaridades regionais. De tal forma, percebe-se que há harmonia, onde os mitos, lendas e crenças, são criados como elemento simbólico de preservação.

Com a presença do colonizador europeu na Amazônia, se iniciam as explorações materiais, retirando-se especiarias, chamadas àquele tempo, de Drogas do sertão, eram, pois, “ervas medicinais, madeiras, óleos, essências, frutos, animais, pássaros, bichos de casco e peixes, constituíram um mundo novo e exótico que exacerbava a cobiça do colonizador e excitava o paladar dos novos senhores” (BENCHIMOL, 2009, p. 25).

Entretanto, conforme Teixeira e Fonseca (2001), a cobiça do colonizador, não se restringiu somente a esses aspectos. Para impedir o avanço de outras colônias imperialistas, o explorador europeu, tratou de manter o controle fronteiriço, na região, sendo estabelecido com a construção de Fortes, dentre eles, destacam-se o Forte Presépio (1616) e o Forte Príncipe da Beira (1776), que mais tarde deram origem a cidade de Belém do Pará e posteriormente a fronteira com a definição e criação do Estado de Rondônia. Contribui para a compreensão deste cenário, Ribeiro (2002):

Com efeito, a ocupação portuguesa do rio Amazonas se faz inicialmente, visando expulsar os franceses, holandeses e ingleses, deserdados no Tratado de Tordesilhas, que procuravam instalar-se nas vizinhanças de sua desembocadura. Para isso tiveram que travar lutas e construir fortificações. Estas começaram a operar na região como feitorias, traficando com os índios aliados as drogas da mata por bugigangas. Quando se perceberam do valor comercial das especiarias obtidas, substitutivas das que Portugal trazia das Índias, um esforço deliberado se empreendeu para racionalizar e ampliar o negócio. Como a única forma factível de obter maior produção constituía a escravização dos índios para os compeli-los a um trabalho regular, isso foi feito. A maior dificuldade, porém, estava na contingência inevitável de deixar os índios soltos, para juntar as cobiçadas especiarias que crescem, ao acaso, na mata infinita. A solução consistiu em escravizar aldeias inteiras, mantendo as mulheres e as crianças praticamente como reféns, enquanto os homens trabalhavam nas expedições que batiam a floresta (RIBEIRO, 2002, p. 309).

As expedições subseqüentes ocorridas na Amazônia foram emblemáticas e contaram com a participação do indígena, submetido aos rigores do domínio do colonizador, seja por meio do amansamento, ou descimentos (TEIXEIRA; FONSECA, 2001). Nas mãos dos colonizadores, o índio foi condenado à escravidão, submetendo-se ao regime das missões, de modo que ainda pudesse ter convivência familiar. Todavia suas mulheres, eram constantemente cobiçadas, chegando a ser estupradas e mortas, afim de manter a condição submissa. Destaca-se nesse sentido, que Conforme Teixeira; Fonseca (2001), o indígena da Amazônia era um ser perfeitamente integrado ao seu meio, vivia da caça da pesca e da agricultura, que dominava de forma suficiente e econômica; conhecia os terrenos mais férteis (as várzeas) e plantava nas épocas de vazante dos rios a mandioca, milho, o algodão, o tabaco, certas árvores frutíferas e outros vegetais. Procuradas pelos europeus, as ervas medicinais, tinham importância determinada, uma vez, que seu uso era particularmente empregado pelos indígenas para a realização de curas de uma variedade de doenças.

Assinala-se, portanto, que neste momento, começa o surgimento da cultura cabocla, de modo que, parafraseamos Freyre (2003), ao se referir à miscigenação do brasileiro, como elemento híbrido. Assim, o caboclo amazônida é esse indivíduo híbrido, resultante das condições que se perpetuavam na época, frente às investidas e avanços do colonizador europeu. Todavia a influência do indígena é mais forte, de tal modo, como Benchimol (2009), conclui:

[...] começou a Amazônia Lusíndia, mais índia que lusa” porém, mesmo assim, suficientemente forte para influenciar os novos padrões culturais e espirituais europeus a serviço da fé e do império. Estes acabaram por desintegrar a identidade cultural indígena, pelas tropas de resgates, aldeias, missões, reduções, catequeses, queima de malocas, dízimos e trabalho servil. Mais tarde, quando se iniciou a marcha dos caucheiros e seringueiros nos baixos e altos rios, a onda invasora nordestina transformou os seringais e castanhais em centros de extermínio de muitas tribos e etnias ameríndias, processo esse que seria mais tarde repetido quando da expansão da fronteira agrícola e pecuária [...] (BENCHIMOL, 2009, p. 25-26).

As frentes de extermínio conduzidas pelo colonizador, não dizimaram por completo as raízes indígenas. As relações sociais de tal forma, são preservadas e herdadas pela cultura do caboclo amazônica, que irá consolidar sua formação a partir das migrações ocorridas no início do século XIX com a entrada de muitos indivíduos na Amazônia, para executar o trabalho nas extrações de seringa e produção da borracha. Vindos de várias regiões do país, iniciam o processo de expansão que se firma sobretudo pela presença dos nordestinos, que migravam em grandes números e terminaram por permanecer em terras amazônicas, muitos sem nunca retornar a sua terra de origem. Para Martinello (1998) e Benchimol (2009) aquele período era o marco do que foi denominado de Batalha da Borracha, onde havia uma grande missão do estado em integrar a Amazônia ao corpo da Nação.

As migrações para a Amazônia e a formação da identidade cabocla

O movimento migratório ocorre a partir da expansão europeia para a Amazônia em meados do século XVI. Após esse período, inicia-se uma série de ciclos econômicos para a região que incentivam a vinda de diversos migrantes que se deslocam de diferentes regiões do país (AMARAL2001). Entretanto, quando se inicia o ciclo da Borracha, que ocorre em concomitância a uma grande seca na região nordestina, tornar-se assim, elemento preponderante para expulsar essas pessoas que passam a se deslocar para a Amazônia em busca de sobrevivência.

As secas de 1877 e 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registraram uma migração de 13.593 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes no auge desse movimento povoador. Contados os números até 1900, teríamos um afluxo de 158.125 nordestinos que vieram *fazer a Amazônia*, cerca de 20% da população amazônica da época. De 1900, passando pelo apogeu de 1910, até à depressão, estimamos que a Amazônia recebeu mais de

150.000 *cearenses*, totalizando assim 300.000 migrantes nordestinos, no período de 1877 a 1920. No período da II Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, o *exército dos soldados da borracha* incorporou consideravelmente contingente de cearenses, paraibanos, pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e baianos. [...] Existe uma essa formidável corrente humana migrantista se inscreve dentro do quadro da extraordinária expansão e mobilidade da população brasileira, facilmente seduzida e arrastada no passado pela mística da fortuna, da lenda e da riqueza fácil, na pista do boi, na rota das bandeiras, no garimpo de ouro e diamante, na onda verde do café, no *rush* da seringa e, no presente, pela euforia dos grandes projetos de mineração no Pará, pelo fascínio de Serra Pelada, das minas de cassiterita em Rondônia e Pitinga, na corrida às terras para implantação de fazendas de gado e às madeiras para exploração, ao longo dos eixos rodoviários da Belém–Brasília, Cuiabá–Porto Velho–Rio Branco e Cuiabá–Santarém e na atual corrida para plantação de soja no novo corredor e frente agrícola da Chapada dos Parecis, campo de Puciari, em Humaitá, sul do Pará, Tocantins e Maranhão (BENCHIMOL, 2009, p. 155).

De acordo com Benchimol (2009), por volta de 1827, a borracha amazônica começa a aparecer na pauta de exportação regional com um embarque de 30 toneladas. Contudo somente por volta do início do século XX, e com o intuito de atender as demandas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Amazônia emerge no cenário econômico brasileiro como grande produtora da goma elástica. Um produto que ganharia fama mundial, e levaria ao conhecimento de diversos países a saga da região. Conforme aponta o autor:

Com a descoberta do processo de vulcanização, em 1839, e o aumento do uso dessa matéria-prima, os registros subiram para 1.445 toneladas no quadriênio 1840-1844; no período de 1875-1879 figuravam com 30.360 toneladas; em 1901 iria alcançar 30.241 toneladas e no auge do *boom*, em 1912, atingia 42.286 toneladas, índice jamais atingido ulteriormente, até decair para 6.224 toneladas no final da depressão, em 1932 (BENCHIMOL, 2009, p.153).

As migrações exercem e exerceram papel preponderante na formação das cidades. Contribuíram de modo decisivo para alavancar a economia de muitas regiões em virtude do uso da plena mão de obra. Quando se trata da questão Amazônica, observam-se ciclos que encerram processos econômicos e conduzem a movimentação interna migratória. O ciclo da borracha, a título de exemplo, moveu cerca de 500 mil nordestinos, tornando-se um dos fenômenos migratórios mais significativos naquele período, somente sendo superado pelas migrações ocorridas para o estado de São Paulo (BENCHIMOL, 2009):

As secas de 1877 e 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registraram uma migração de 13.593 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes no auge desse movimento povoador. Contados os números até 1900, teríamos um afluxo de 158.125 nordestinos que vieram *fazer a Amazônia*, cerca de 20% da população amazônica da época. De 1900, passando pelo apogeu de 1910, até à depressão, estimamos que a Amazônia recebeu mais de 150.000 *cearenses*, totalizando assim 300.000 migrantes nordestinos, no período de 1877 a 1920. No período da II Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, o *exército dos soldados da borracha* incorporou consideravelmente contingente de cearenses, paraibanos, pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e baianos. [...] Existe uma essa formidável corrente humana migrantista se inscreve dentro do quadro da extraordinária expansão e mobilidade da população brasileira, facilmente seduzida e arrastada no passado pela mística da fortuna, da lenda e da riqueza fácil, na pista do boi, na rota das bandeiras, no garimpo de ouro e diamante, na onda verde do café, no *rush* da seringa e, no presente, pela euforia dos grandes projetos de mineração no Pará, pelo fascínio de Serra Pelada, das minas de cassiterita em Rondônia e Pitinga, na corrida às terras para implantação de fazendas de gado e às madeiras para exploração, ao longo dos eixos rodoviários da Belém–Brasília, Cuiabá–Porto Velho–Rio Branco e Cuiabá–Santarém e na atual corrida para plantação de soja no novo corredor e frente agrícola da Chapada dos Parecis, campo de Puciari, em Humaitá, sul do Pará, Tocantins e Maranhão (BENCHIMOL, 2009, p. 155).

Os seringais surgiram como núcleos produtivos da borracha. Constituíam-se em espaços próprios que guardavam os processos inerentes a fabricação da chamada goma elástica, desde a coleta do leite, extraído da árvore seringueira, passando pelo processo de construção do barracão e, em seguida com a defumação ou prensagem da borracha. Estes núcleos iniciam um fio condutor da formação populacional no seringal.

Esse contexto contribui para a mistura de gentes, dos perseverantes nordestinos no trabalho da seringa com as índias de diferentes etnias. O típico caboclo se fortalece, se renova nascendo das adversidades, se funda em elementos amazônicos e nordestinos. Contam-se relatos daqueles que viveram estes tempos que precisavam “amansar” uma índia e rapta-la no laço para se fazer esposa do seringueiro, ou ainda diante das oportunidades, buscavam-se mulheres nos bordéis de Manaus e Belém, sendo ainda trazidas para o barracão como mercadorias típicas de negociação (BENCHIMOL, 2009). Para Benchimol (2009), os rincões afastados e inóspitos que teciam aquele cenário, só permitiam aos mais ousados e determinados a superar as adversidades mais surpreendentes naquelas paragens, tudo isso somando-se a vontade de sobreviver e conquistar fortuna e riquezas. Sendo assim, o caboclo conduz uma teia de

idiossincrasias que alimenta um ciclo econômico típico da região Amazônica, e se converte em um elemento precioso das paragens amazônicas que em luta pela sobrevivência, torna-se também guardião da biodiversidade e da etnomedicina.

Quando se trata das questões referentes ao universo da benzeção, verifica-se que o registro sobre essa atividade anterior ao período colonial na Amazônia é de pouca remonta, não há dados mais precisos sobre a presença e atividades das benzedadeiras, uma vez que é possível evidenciar que as mesmas realizavam esta atividade em concomitância com o trabalho de parteiras. O difícil acesso as colocações de seringa no meio da mata, certamente dificultavam o avanço das modernas tecnologias e sobretudo da entrada de médicos, tão raros naquela época no meio da floresta amazônica, sendo assim, se recorria com frequência as benzedadeiras ou curandeiras que também tinham por ofício o cuidado dos partos. Uma realidade que traduziu um contexto histórico dos problemas relacionados a saúde ao longo do desenvolvimento do país. A dificuldade em ter acesso a medicina formal, que se fazia somente ao alcance das elites, propicia as situações retratadas em diversos cenários do Brasil. O papel do benzedor e sua função de estabelecer a cura, se tornam essências e terminam por promover o elo entre o enfermo e o divino.

Período Colonial Luso-brasileiro e a benzeção como ato de cura

Quando se trata de situar historicamente a Amazônia e suas idiossincrasias, há uma unanimidade quanto, a identidade do brasileiro, destas paragens. Construiu-se, portanto um espaço geográfico, cultural e econômico a partir de contradições e lacunas. As migrações intensificadas pelo avanço português, em seguida pelos ciclos econômicos subsequentes na região, contribuíram para moldar traços específicos e uma identidade peculiar ao sujeito amazônida. Com as expansões marítimas intensificadas na Europa e a conquista de novos territórios, desenrolam-se de modo subsequente profundas mudanças, econômicas, sociais e culturais. De acordo com Moura (2009):

Os séculos XV e XVI revelaram uma nova possibilidade aos homens e mulheres que habitavam o “Velho Mundo” de repensarem a si próprios e o mundo que os cercava, a partir do contato com outros povos, de terras distantes, mesmo que de forma idealizada. Com a expansão ultramarina, chegou-se à América, chamada de “Novo Mundo”, refletindo, só pelo termo, o anseio pelo novo, por mudanças (MOURA, 2009, p. 58).

Assim, o europeu, carregando consigo uma visão religiosa do mundo, repleta de visões fantásticas - reflexo das tradições “pagãs” na cultura popular, que a Igreja não conseguiu apagar – instala-se em territórios distantes, no além-mar. Terras “exóticas” com populações, vegetações e faunas exuberantes. No entanto, este mesmo mundo, apesar de “novo” aos olhos europeus, deveria ser moldado como reflexo do “velho” mundo.

O aspecto etnocêntrico introduzido pelo colonizador europeu atingiu o plano religioso, onde sua visão de mundo, foi imposta ao indígena e posteriormente ao negro. A forma de colonização estava profundamente arraigada as crenças cristãs, que vinham de modo subsequente acompanhada de um barbarismo alienador e perverso.

Nota-se que para os colonizadores, as crenças mitológicas dos povos indígenas são classificadas como demoníacas e hostis. Portanto essa ideia se perpetua ao longo dos séculos, sendo profundamente conduzida e, de modo inevitável associada à cultura da benzeção, que resulta do sincretismo religioso. Existe, portanto, neste aspecto a tentativa do colonizador de construir uma sociedade “ideal”, uma vez que introduz o modelo desejável do que se considera possível e necessário para os povos dominados.

De acordo com Monteiro (1985), por volta do século XVIII e início do século XIX, iniciou-se por incentivo da presença da família Real Portuguesa, a contratação de médicos, pois se fazia necessário, iniciar um processo estrutural que deveria construir condições plenas e aceitáveis para o conforto e permanência da família e da Corte Real Portuguesa. Uma vez que esta presença, trazia consigo os ares de progresso e desenvolvimento à colônia. Assim, foi necessário ter a formação de profissionais especializados no país. E, desta feita, foi criada uma Escola de Cirurgia, em 1808 na Bahia, e em seguida a primeira Faculdade de Medicina em 1832.

Monteiro (1995), destaca que este novo cenário na colônia conduziu as práticas de cura e rezas ao processo de demonização e, assim, iniciaram-se as perseguições e prisões. Todavia o povo recorria a estas práticas, pois sem dúvida eram acessíveis e eficazes na maioria dos casos. Esse fato, terminou por levar a conflitos na colônia, e o que se denominou em seguida de “guerra santa”

(MONTEIRO, 1985), pois no período colonial, as perseguições foram implacáveis e a repressão tornou-se constante, aos curandeiros e benzedeadas, que se fossem pegos em sua prática, eram presos ou torturados.

Contudo destaca-se que a quantidade de médicos formados era insuficiente para atender a demanda populacional, e dessa forma, os atendimentos ficavam circunscritos a poucas áreas urbanas e a aqueles que eram sujeitos mais prósperos, pertencentes a elite ou a nobreza.

Age (2012) em seu estudo sobre as artes de curar, reforça que, no período colonial brasileiro, em virtude do número reduzido de médicos diplomados, a população recorria ao que a autora denomina de “práticos”. São os benzedores e benzedeadas que suprem a falta de profissionais da medicina erudita, durante o período colonial. A autora pontua ainda que os poucos médicos presentes em tão vasto território, terminavam por concentrar-se em áreas com a presença de hospitais e presídios, tornando-se um atendimento exclusivo que servia as tropas imperiais

Nesse sentido, observar-se, que o atendimento médico já se inicia de modo precário e não atende a toda população (MONTEIRO, 1985). Até o início do século XIX, a presença de médicos no Brasil era rara e circunscrita às grandes cidades, notadamente o Rio de Janeiro (PIMENTA, 2003).

Portanto, são os benzedores, feiticeiros, curandeiros que se tornam acessíveis para as curas imediatas e urgentes, sobretudo nas camadas populares. Cabe ressaltar que a preferência, certamente era dada aos curadores informais, uma vez que a própria população, também desacreditava do saber diplomado, não havia credibilidade e não gozava de prestígio a medicina institucionalizada (AGE, 2012).

Para Pimenta (2003), essa falta de credibilidade se dá em função à falta de competência e desconhecimento dos novos médicos para curar mazelas da região. Essa condição, terminou por alimentar ainda mais a procura pelas benzedeadas e a conduzir a eficácia da cura.

Conforme Cunha (2010), a crença na benzeção é legitimada por elementos ligados magia e ao sagrado, aspectos interdependentes que ao mesmo tempo se complementam, à medida que tem como ponto de culminância a cura do enfermo.

Conforme Trindade (2014) o saber e o poder da benzedeira têm eficácia no fato de que são consideradas como uma missão dada e legitimada por Deus:

Reconhecer o dom da benzedeira é legitimar o ofício dada a ela por Deus do qual não se deve esquivar. É a significação sagrada da medicina popular que envolve o conhecimento de plantas e ervas na cura dos males. [...] tanto as rezas como os chás somente adquirem um sentido e, portanto, se tornam eficazes, quando inseridos no contexto do ritual. Fora dele perdem todo o seu poder, pois deixam de ser significantes e, então não vão poder operar mudanças no discurso do paciente. E mesmo que esse ofício exija algum sacrifício, para as benzedeadas a prática da benção é interpretada como uma dádiva, que tem suas obrigações (TRINDADE, 2014, p. 134).

Geralmente praticada por mulheres, tendo em vista seu simbolismo ligado ao feminino e ao sagrado, são elas que possuem conhecimentos raros e específicos, pois segundo se acredita, receberam essa dádiva herdada de seus antepassados. O simbolismo cultuado pelas benzedeadas, por meio de sua legitimidade expressa na realização de curas de diversas enfermidades, compreende as práticas culturais e suas especificidades ao longo desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia traçada para ocupar a Amazônia e expandir os domínios europeus se instalaram de modo muito particular na região. A cultura cabocla como elemento híbrido resultante de uma miscelânea étnica, tem sido um dos estudos mais específicos que se apresenta com diagramas e idiosincrasias em um universo totalitário. Conforme autores, tratados neste estudo, a prática da chamada medicina popular para os teóricos e para o senso comum, chamada de benção ou reza, tem sido a forma mais pura e simples de contextualizar elementos da cultura cabocla, que ainda permanecem presentes e resistentes em sua essência metafísica ligada ao sagrado na atual sociedade pós-moderna.

REFERÊNCIAS

AGE, M. de P. **As artes de Curar: Saberes e Poderes**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI. 2012. Disponível em:<

<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Monica%20de%20Paula%20Age.pdf>
>. Acesso: 17 nov. 2017.

AMARAL, S.; et al. **Análise espacial para o processo de urbanização da Amazônia.** MCT/INPE. 2001. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/geopro/modelagem/relatorio_urbanizacao_amazonia.pdf> Acesso em 02/12/2016.

BENCHIMOL, S. **Amazônia – Formação social e cultural.** 3. A Ed. – Manaus: Editora Valer, 2009. 546 p.

CUNHA, L. A. da. **Saberes e religiosidades de Benzedeadas.** Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/565/423>. Acesso em: 08 ago. 2016.

DEL PRIORE, M. Magia e Medicina, uma união obscura. In: Del Priore, M;M; Bassanezi, C. B. **História das Mulheres no Brasil.** 9º ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 90 – 91.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala.** 49 ed. São Paulo: Global, 2004. [Apresentação de Fernando Henrique Cardoso].

MARTINELLO, P. **A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico.** Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 1998.

MONTEIRO, P. **Da doença a magia na umbanda.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOURA, E.C.D. de. **Entre ramos e rezas: O ritual da benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, p. 208.

PIMENTA, T, S. **Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX.** In: CHALHOUB, S. et al. **Artes e Ofício de curas no Brasil.** Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOUSA, M. B. **Saberes e práticas educativas de uma curadora da Amazônia.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, 2015. Belém: [s.n], 2015. 159 fls.

TEIXEIRA, M.A.; FONSECA, D. R. **História Regional: Rondônia.** Porto Velho. Rondoniana, 2003.

TRINDADE, D. do C. **As benzedeadas de Parintins. Práticas, rezas e simpatias.** EDUA: Manaus, 2013. 196 p.